

A última página apareceu no monitor:

SUMÁRIO DE BUSCA TERMINADO. PRÓXIMO PEDIDO?

— Cancelar — disse Leia, apoiando-se em sua cadeira e olhando pela janela. Mais um beco sem saída. Exatamente como o último, e como o penúltimo. Estava começando a parecer que os pesquisadores tinham razão: se existisse alguma informação sobre as técnicas utilizadas nas Guerras Clônicas, ainda estaria na velha biblioteca do Senado, enterrado tão fundo que ninguém iria encontrar.

Do outro lado do aposento, sentiu o retornar de uma consciência. Levantando-se, caminhou até o berço e observou os filhos. Jacen, de fato, estava acordado, brincando consigo mesmo e colocando grande empenho em examinar os dedos da mão. Ao lado dele, Jaina ainda dormia, os lábios carnudos abertos o suficiente para deixar passar o ressonar a cada respiração.

— Oi — murmurou Leia para o filho.

Apanhou-o do berço e tomou-o no colo. O bebê esqueceu-se dos dedos e sorriu para ela.

Leia sorriu de volta, embevecida.

— Vamos lá. Vamos ver o que está acontecendo nesse mundo.

Carregou-o até a janela. Abaixo deles, a Cidade Imperial estava em plena azáfama matinal, com os veículos terrestres e flutuadores cruzando em todas as direções, como insetos frenéticos. Além da cidade, os picos nevados das montanhas Manarai, para o sul, enviavam reflexos ofuscantes. Acima, o azul do céu sem nuvens era escuro e sem nuvens; abaixo...

Ela estremeceu. Além do céu estava o escudo planetário. E os asteróides do Império, invisíveis.

Jacen manifestou-se. Leia voltou os olhos para ele, incrédula ao constatar o que parecia preocupação no semblante infantil.

— Está tudo bem — disse ela, aconchegando-o contra o peito. — Está tudo bem. Vamos encontrar esses malvados todos no céu e desaparecer com eles. Não se preocupe.

Atrás dela, a porta abriu-se e Winter entrou, com uma bandeja flutuando à sua frente.

— Alteza — saudou ela, com voz suave. — Achei que podia querer tomar uma bebida revigorante.

— Quero, sim, obrigada — agradeceu Leia, sentindo o aroma de paricha temperado. — Está acontecendo alguma coisa lá embaixo?

— Nada de interessante — declarou Winter, apoiando a bandeja numa mesa e começando a servir. — O grupo de busca não encontrou mais asteróides desde ontem de manhã. Segundo entendi, o general Bel Iblis acredita que já terminamos com todos.

— Duvido que o almirante Drayson acredite nisso.

— Não, mesmo — confirmou Winter, entregando a xícara fumegante para Leia. — Nem Mon Mothma.

Leia passou Jacen para um dos braços e aceitou a bebida. Para dizer a verdade, ela mesma não acreditava. Não interessa quão caros eram esses escudos de camuflagem, não podia ver o Império se dando todo esse trabalho com menos de setenta asteróides. E com facilidade o número poderia ser o dobro. Os vinte e um que encontraram deviam corresponder à ponta do iceberg.

— Como vai a pesquisa? — quis saber Winter, servindo uma xícara para si mesma.

— Não vai. Mas não sei por que eu deveria ficar surpresa com isso. Os especialistas da Pesquisa do Conselho me avisaram que já tinham verificado tudo sem encontrar nada.

— Mas você é Jedi. Tem a Força a seu lado.

— Mas não o suficiente, pelo jeito. Pelo menos, não o suficiente para me guiar até o arquivo certo. Não tenho mais certeza de existir o que estou procurando.

Por um momento, saborearam a bebida quente em silêncio. Leia sentiu o gosto suave do paricha, sabendo que podia se passar muito tempo até senti-lo outra vez. Todo o suprimento era trazido de fora do planeta.

— Estive conversando com Mobvekhar, ontem — comentou Winter. — Ele disse que você falou com ele sobre uma pista... algo que Mara Jade teria dito.

— Foi algo que Mara disse, ao lado de uma coisa que Luke fez. Ainda acho que aí existe uma pista importante. Mas não consigo descobrir o que é...

O comunicador tocou.

— Sabia que meu sossego não ia durar muito — disse Leia, largando a xícara e atendendo ao aparelho. Mon Mothma prometera uma manhã inteira de folga. — Conselheira Organa Solo.

Contudo, não era Mon Mothma.

— Conselheira, aqui é a Central de Comunicações — anunciou uma voz militar. — Há uma nave civil chamada *Wild Karrde* logo após a linha de defesa do planeta. O capitão insiste em falar com a senhora. Quer falar com ele ou o expulsamos do sistema?

Então Karrde finalmente viera apanhar seu pessoal. Ou estivera escutando os boatos sobre Coruscant e viera dar uma espiada. De qualquer forma, traria problemas.

— Vou falar com ele. Pode ligar.

— Sim, conselheira.

Leia ouviu um estalido na linha.

— Alô, Karrde. Aqui é Leia Organa Solo.

— Alô, conselheira — respondeu a voz agradável e modulada. — E bom falarmos outra vez. Acredito que tenha recebido minha encomenda?

Ela teve de pensar um pouco, até recordar-se da gravação feita com macrobinóculo do ataque de Ukio.

— Recebemos. Permita-me exprimir a gratidão da Nova República.

— A gratidão da Nova República já foi muito bem expressa — informou ele, com voz seca. — Tiveram repercussões desagradáveis sobre os pagamentos?

— Pelo contrário — afirmou Leia, torcendo um pouco a verdade. — Ficaremos felizes em pagar um preço equivalente por informação da mesma qualidade.

— Fico contente em ouvir isso. Por acaso está interessada em tecnologia?

Ela hesitou. De certa forma, estivera esperando por aquela pergunta.

— De que tipo?

— Um tipo semi-raro. Por que não me deixa passar, e então conversamos?

— Sinto, mas não será possível. Todo o tráfego não-essencial para pousos e decolagens em Coruscant está suspenso.

— Só o tráfego não-essencial?

Leia sorriu. Então ele escutara os rumores.

— O que você sabe?

— A maior parte é formada de rumores. E um deles me deixou muito preocupado. Me conte sobre Mara.

— O que tem Mara?

— Ela está presa?

Leia olhou para Winter, antes de responder.

— Karrde, acho que esse não é um assunto apropriado para discutir...

— Não me venha com essa — interrompeu Karrde. — Você me deve... aliás, deve a ela.

— Sei disso. Se me deixar terminar, esse assunto não deve Ser discutido em canal aberto.

— Certo... vamos tentar outra coisa, então. Ghent está por aí?

— Está por aqui, em algum lugar.

— Encontre-o e consiga um terminal de acesso. Diga a ele para programar meu código pessoal, qualquer um deles. Isso deve conseguir alguma privacidade.

Leia pensou sobre o assunto. Pelo menos evitaria os ouvintes ocasionais de outras naves no sistema. Se enganaria um dróide-espião do Império era outra coisa.

— Já é um começo, pelo menos — admitiu ela. — Vou procurá-lo.

— Estou esperando.

O sinal tornou-se silencioso.

— Algum problema? — quis saber Winter.

Leia olhou para Jacen, com a estranha sensação outra vez na mente. Lá estava o sentimento de que uma informação valiosa estava

escondida pouco além do alcance da memória. Luke e Mara estavam envolvidos. Será que Karrde poderia também estar envolvido?

— Provavelmente. Ele veio saber notícias de Mara.... e não acho que vai ficar contente quando descobrir que ela se foi. Tome conta dos gêmeos, por favor, Winter. Tenho que descobrir Ghent e descer para a sala de guerra.

A verificação dos dados correu até o fim e parou.

— Parece tudo certo — disse Ghent a Leia, fazendo o ajuste final no código a ser utilizado. — O pior que pode acontecer é perder algumas sílabas, de vez em quando. Vá em frente.

— Mas seja cuidadosa com o que diz — avisou Bel Iblis. — Ainda podemos ter dróides do Império escutando e não há garantia que o Império já não tenha decifrado o código de Karrde. Não diga nada que eles já não saibam.

— Certo — concordou ela, sentando-se e acionando o interruptor indicado. — Estamos aqui, Karrde.

— Eu também — respondeu ele, a voz pouco mais baixa do que normalmente. — Por que Mara está presa?

— Houve uma invasão de comandos do Império algumas semanas atrás — começou Leia, escolhendo suas palavras. — O líder do grupo implicou Mara, como informante dele.

— Isso é absurdo!

— Concordo com você. Mas uma acusação dessas precisa ser investigada.

— E o que os seus investigadores descobriram?

— O que alguns de nós já sabiam. Que ela foi, em determinada época, membro da equipe pessoal do Imperador.

— E por isso que ela ainda está presa? Por coisas que possa ter feito muitos anos atrás?

— Não estamos preocupados com o passado dela — respondeu Leia, detestando ter de enganar Karrde, principalmente depois da ajuda que ele dera. Mas se ouvidos do Império estivessem à escuta, precisava fazer crer que Mara ainda era suspeita. — Certos membros do Conselho e do Alto Comando estão preocupados com as lealdades atuais dela.

— Pois esses membros são tolos — disse Karrde. — Quero falar com ela.

— Desculpe, mas isso é impossível. Ela não pode atender nenhuma comunicação externa.

O ruído que Leia escutou poderia ser um palavrão, ou um suspiro codificado.

— Me diga porque não posso aterrissar — pediu Karrde. — Já escutei vários rumores. Diga a verdade.

Leia olhou para Bel Iblis. A expressão não era agradável, mas ele assentiu, com óbvia relutância.

— A verdade é que estamos sitiados — admitiu Leia. — O Grande Almirante colocou um grande número de asteróides camuflados em órbita ao redor de Coruscant. Não sabemos quais são as órbitas, nem quantos são os asteróides. Até encontrar e destruir todos eles, o escudo planetário permanece.

— Que interessante — comentou Karrde. — Ouvi falar sobre o ataque rápido do Império, mas não sabia de nada sobre asteróides. A maior parte dos rumores sugere que vocês sofreram sérios danos e estão tentando encobrir o fato.

— Parece o tipo de história que Thrawn mandaria circular — disse Bel Iblis. — Um golpe em nossa moral para mantê-lo entretido durante os ataques.

— Ele é adepto de todos os recursos de guerra — comentou Karrde. — Quantos desses asteróides vocês já encontraram? Suponho que estejam procurando, não?

Leia percebeu um tom diferente na voz dele.

— Encontramos e destruímos vinte e um. Vinte e dois no total, com um que o Império destruiu para que não o capturássemos. Mas nossos dados de batalha sugerem que eles podem ter lançado duzentos e oitenta e sete.

Karrde ficou em silêncio por um instante.

— Não são tantos assim. Acho que eu gostaria de arriscar a passagem.

— Não estamos preocupados com você — explicou Bel Iblis.

— Estamos pensando sobre o que aconteceria a Coruscant se um asteróide de quarenta metros passasse pelo escudo e atingisse a superfície.

— Eu poderia entrar com um intervalo de cinco segundos — ofereceu Karrde.

— Desculpe, mas não podemos abrir o escudo — afirmou Leia.

— Nesse caso, não me resta alternativa senão negociar. Você disse, há pouco, que pagariam por informações. Pois muito bem: tenho algo que vocês querem. Meu preço é passar alguns minutos com Mara.

Leia olhou para Bel Iblis, que pareceu tão intrigado quanto ela. O que quer que Karrde estivesse tramando, não era óbvio para o general. Mas ele sabia que não podiam prometer que ele conversaria com Mara.

— Não posso fazer promessas — disse ela. — Me passe a informação e tentarei ser justa.

Houve um instante de silêncio antes que ele voltasse a falar.

— Acho que essa é a melhor oferta que vou conseguir. Muito bem: podem baixar o escudo quando quiserem. Todos os asteróides foram apanhados.

Leia olhou para o alto-falante.

— O quê?

— Você me ouviu. Já acabaram. Thrawn deixou vinte e dois; vocês destruíram vinte e dois. O sítio terminou.

— Como sabe? — indagou Bel Iblis.

— Eu estava no estaleiro de Bilbringi pouco antes do ataque relâmpago — disse Karrde. — Observamos um total de vinte e dois asteróides sob um forte esquema de segurança, com um grupo de homens trabalhando ao redor deles. Na época, naturalmente, não tinha a menor idéia do que o Império pretendia com eles.

— Fez alguma gravação de imagens enquanto estava lá? — indagou Bel Iblis.

— Tenho os dados dos sensores do *Wild Karrde*. Se estiverem prontos, posso passá-los a você.

— Vá em frente.

A luz de recebimento de dados acendeu-se e Leia olhou para o monitor visual principal. Tratava-se do interior dos estaleiros de Bilbringi, sem dúvida... ela soube disso pois examinara imagens de vôos de reconhecimento da Nova República. Ao centro, cercado por naves de apoio e operários com trajes de manutenção...

— Ele tem razão — murmurou Bel Iblis. — Vinte e dois.

— Isso não prova que não existam outros, senhor — lembrou o oficial do console de sensores. — Eles poderiam ter outro grupo como esse em Ord Trasi ou Yaga Minor.

— Não. Mesmo não considerando os problemas logísticos envolvidos, não consigo imaginar Thrawn espalhando sua tecnologia de camuflagem mais do que é obrigado a fazê-lo. A última coisa que ele pode permitir é que coloquemos nossas mãos num modelo que funcione.

— E nem mesmo uma varredura detalhada — completou Karrde. — Se encontraram uma fraqueza, uma das maiores vantagens que ele tem sobre vocês desaparece. Muito bem. Fiz minha parte do negócio. E quanto a sua?

Leia olhou para Bel Iblis, sem saber o que fazer.

— Por que deseja falar com ela? — indagou o general.

— Um das coisas mais difíceis é o sentimento de ter sido abandonado — disse Karrde. — Posso imaginar bem o sofrimento dela, porque há pouco tempo fui hóspede contra a vontade a bordo do *Quimera*. Faço questão de dizer... pessoalmente... que ela não foi abandonada.

— O que fazemos, Leia? — perguntou Bel Iblis.

Ela olhou para o general, escutando as palavras mas sem registrar o sentido. Lá estava, bem à frente dela: a chave pela qual ela estava procurando. A prisão de Karrde a bordo do *Quimera*...

— Leia? — repetiu o general.

— Eu ouvi — disse ela, sentindo as palavras distantes e mecânicas. — Deixem que ele aterrisse.

Bel Iblis olhou para o oficial.

— Talvez a gente devesse...

— Eu disse, deixem que ele aterrisse — cortou Leia, com mais veemência do que imaginara, a princípio. De repente, todas as peças recaíram em seus lugares... e o quadro que formavam indicava um desastre em potencial. — Eu assumo a responsabilidade.

Por um instante, o general estudou-lhe o rosto.

— Karrde, aqui fala Bel Iblis. Vamos dar uma abertura de cinco segundos. Prepare sua aterrissagem.

— Obrigado. Falo com vocês daqui a pouco.

Bel Iblis fez um gesto para o operador, que colocou mãos à obra.

— Muito bem, Leia. O que está acontecendo?

— É a clonagem, Garm. Sei como Thrawn está conseguindo desenvolvê-los tão depressa.

Toda a sala de guerra estava quieta.

— Como?

— É a Força — afirmou ela. Tinha sido tão óbvio... tão óbvio e ainda assim deixara passar. — Não vê? Quando eles fazem uma duplicata exata de um ser consciente, existe uma ressonância natural através da Força entre o ser duplicado e o ser original. E *isso* que danifica a mente do clone que cresce depressa demais... não há tempo suficiente para que a mente se adapte à pressão. Como não pode ajustar-se, algo se rompe.

— Certo — disse Bel Iblis, sem muita convicção. — E como Thrawn está lidando com o problema?

— E muito simples. Ele está usando ysalamiri para evitar que a Força atinja os tanques de clonagem.

O rosto de Bel Iblis ficou pálido. Alguém praguejou em meio ao silêncio.

— A chave para tudo foi a fuga de Karrde do *Quimera*. Mara me disse que o Império apanhou cinco ou seis mil ysalamiri nas florestas de Myrkr. Mas não os estavam usando nas naves de guerra, porque quando ela e Luke foram atrás de Karrde, ele não teve problemas para usar a Força.

— Porque os ysalamiri estavam em Wayland — argumentou Bel Iblis, olhando para Leia. — O que significa que quando o grupo chegar à montanha...

— Luke vai ficar indefeso — completou Leia, com um nó na garganta.

— E nem vai suspeitar disso até que seja tarde demais.

Estremeceu outra vez, lembrando do sonho que tivera na noite do ataque dos comandos. Luke e Mara enfrentavam um Jedi enlouquecido e mais uma ameaça anônima. Ela acalmara-se com a idéia de que Luke seria capaz de pressentir a presença de C'baoth, e fazer o que fosse

necessário para lidar com ele. Contudo, na presença dos ysalamiri, ele podia cair direto nas mãos do outro.

Não. *Iria sozinho* para as mãos de C'baoth. De alguma forma, sabia que aquilo aconteceria. O que ela vira naquela noite não fora um sonho, mas uma visão Jedi.

— Vou conversar com Mon Mothma — dizia Bel Iblis. — Mesmo com Bilbringi, talvez possamos destacar algumas naves para ir em auxílio deles.

Voltando-se, o corellian dirigiu-se para a saída e para os turboelevadores mais além. Por um instante Leia observou-o e escutou os ruídos da sala de guerra, que voltava à atividade normal. Sabia que ele iria tentar. Mas sabia também que iria falhar. Mon Mothma, o comandante Sesfan e o próprio Bel Iblis já haviam dito aquilo; não existiam recursos disponíveis para atingir Wayland e os estaleiros Bilbringi ao mesmo tempo. E ela sabia muito bem que nem todos no Conselho acreditaram na ameaça dos asteróides camuflados. Sabia que nem todos no Conselho iriam acreditar que a ameaça dos asteróides terminara. Pelo menos não o suficiente para adiar o ataque a Bilbringi.

O que significava que havia apenas uma pessoa que poderia ir ao auxílio de seu marido e seu irmão.

Inalando profundamente, Leia partiu atrás de Bel Iblis. Havia muito a fazer antes que Karrde chegasse.

Havia três pessoas esperando quando Karrde saiu da nave, tentando não despertar atenção sob a cobertura que protegia os túneis de acesso. Avistou- os ainda no alto da rampa de desembarque do *Wild Karrde*, e a despeito das sombras, conseguiu identificar dois deles: Leia Organa Solo e Ghent. A terceira figura, atrás das outras, era baixa e usava a túnica marrom dos jawa. O que estaria um habitante do deserto fazendo ali, nem passava pela cabeça de Karrde... porém quando o grupo avançou em sua direção, pela expressão de Organa Solo, tornou-se claro que iria descobrir em pouco tempo.

— Bom dia, conselheira — cumprimentou ele, inclinando a cabeça. — Que bom ver você, Ghent. Espero que esteja sendo útil por aqui?

— Acho que sim. Pelo menos é o que me dizem — afirmou Ghent, pouco à vontade.

— Ótimo. E seu amigo é...

— Sou Mobvekhar, clã Hkh'khar — rosnou uma voz grave. Karrde resistiu ao impulso de dar um passo para trás. Seja o que for que estivesse abaixo daquela túnica, não era um jawa.

— E meu guarda-costas — esclareceu Leia.

Com esforço, Karrde afastou os olhos do ser que se escondia por baixo do capuz.

— Bem... — disse ele, indicando o acesso. — Vamos entrar? Organa Solo sacudiu a cabeça.

— Mara não está aqui.

Karrde olhou para Ghent, que parecia cada vez menos à vontade.

— Você me disse que ela estava.

— Eu concordei em que ela tenha sido presa. E que não podia falar mais em canal aberto — desculpou-se Organa. — Podia haver dróides do Império à escuta.

Com esforço, Karrde procurou controlar sua contrariedade. Afinal, estavam do mesmo lado.

— Onde ela está?

— Num planeta chamado Wayland. Com Luke, Han e mais alguns.

Wayland? Karrde não se lembrava de ter ouvido aquele nome antes.

— E o que eles descobriram nesse lugar de tão interessante?

— A fábrica de clones do Grande Almirante Thrawn — disse Organa Solo.

— Vocês a encontraram?

— Nós, não. Mara encontrou.

Karrde assentiu, com um gesto de cabeça. Então eles haviam encontrado as instalações de clonagem. Todo o trabalho que ele tivera, organizando os grupos de contrabandistas: derretidos como gelo de Kessel. O trabalho, o risco e isso sem mencionar o dinheiro para pagar a todos.

— Tem certeza de que a fábrica de clones é lá?

— Vamos saber em pouco tempo — afirmou Organa Solo, fazendo um gesto em direção à nave. — Preciso que me leve até lá. Agora.

— Por quê?

— Porque a expedição está em perigo. Eles ainda não sabem mas estão. E se ainda estão cumprindo o horário programado temos uma chance de alcançá-los antes que seja tarde.

— Ela me contou tudo a caminho daqui — declarou Ghent — Acho que devíamos...

A voz dele foi sumindo com o olhar de Karrde.

— Simpatizo com seu pessoa, conselheira, mas tenho outros assuntos que exigem minha atenção.

— Isso quer dizer que abandona Mara.

— Não tenho sentimentos pessoais em relação à Mara. Ela é um membro da minha organização; nada mais.

— Isso não é o bastante para você?

Por um instante Karrde fitou-a. Ela manteve o olhar fixo, incentivando seu blefe... e nos olhos dela ele pôde ver que ela sabia que *era* um blefe. Ele não conseguiria ir embora e abandonar Mara para morrer, como não abandonaria Aves, ou Dankin, ou Chin. Não se pudesse fazer algo para evitar.

— Não é tão simples assim — afirmou ele, em voz baixa.

— Também tenho responsabilidades com o resto do meu pessoal. No momento, estamos nos preparando para lançar um ataque na esperança de obter um emissor CGT para vender a vocês.

— Um emissor CGT? — espantou-se Organa Solo.

— Não é o mesmo que estão procurando — garantiu Karrde.

— Mas marcamos a ação para a mesma hora, esperando que seu ataque possa distrair o inimigo. Preciso estar lá.

— Certo — murmurou Organa Solo, desistindo de perguntar como eles souberam do ataque a Tangrene. — E o *Wild Karrde* vai fazer tanta falta assim no ataque?

Karrde olhou para Ghent. Não faria diferença alguma, pelo menos não com Mazzic, Ellor e os outros reforços que Aves conseguira. O problema é que se partissem agora... pelo jeito que a conselheira falava,

iriam entrar na nave e partir... não haveria nenhuma forma de instruir Ghent para que penetrasse os sistemas financeiros da Nova República e redirecionasse os fundos para pagar o grupo.

A menos que conseguisse o dinheiro de alguma outra forma.

— Não posso. Não posso abandonar meus homens. Pelo menos, não sem...

Abruptamente, a pequena criatura de túnica estalou um dedo. Karrde parou no meio da sentença, observando fascinado os movimentos do guarda-costas, que deslizou para a penumbra do túnel, com uma faca fina que parecia ter aparecido por encanto. Desapareceu pela porta e houve um instante de silêncio. Karrde levantou as sobrancelhas para Organa Solo, recebendo um encolher de ombros como resposta.

Ouviram uma espécie de guincho no interior do acesso, seguido por um movimento rápido. Karrde descobriu que estava empunhando o desintegrador quando toda a atividade cessou, de repente. No instante seguinte, o alienígena apareceu, trazendo uma figura encurvada com ele.

Uma figura familiar.

— Bem, bem... conselheiro Fey'lya, eu presumo — disse Karrde, baixando o desintegrador, sem guardá-lo no coldre. — Reduzido a ficar escutando atrás das portas a conversa alheia?

— Ele está desarmado — anunciou com voz grave o guarda-costas.

— Pode soltá-lo — disse Organa Solo.

Fey'lya endireitou o corpo ao ser libertado, o pelo arrepiado na cabeça e no torso; tentou recompor sua dignidade, na medida do possível.

— Protesto contra esse tratamento indevido. E eu não estava escutando a conversa alheia. O general Bel Iblis me informou sobre a revelação da localização da fábrica de clones em Wayland. Vim aqui, capitão Karrde, para pedir que ajude a conselheira Organa Solo em seu desejo de ir a Wayland.

Karrde sorriu.

— Onde ficaria convenientemente fora do seu caminho, certo? Não muito obrigado, mas acho que nós já passamos por isso.

O bothan aprumou o corpo.

— Agora não estamos mais falando de política. Sem o aviso dela, o grupo em Wayland pode não sobreviver. E se eles não sobreviverem, talvez o depósito do Imperador não seja destruído antes que o Grande Almirante possa transferir uma parte do conteúdo para outro lugar seguro — declarou ele fixando os olhos violeta nos de Karrde. — E isso seria um desastre, tanto para o povo bothan, quanto para a Galáxia.

Por um instante, Karrde estudou-o, imaginando porque Fey'lya estaria tão preocupado. Alguma arma ou tecnologia que Thrawn ainda não encontrara? Ou seria mais pessoal do que isso? Talvez informações desagradáveis ou vergonhosas sobre Fey'lya ou sobre o povo bothan?

Não sabia e suspeitava que o conselheiro não iria revelar.

— Os desastres potenciais para o povo bothan não me incomodam — afirmou Karrde. — Preocupam muito a você?

— Seria um desastre para a Galáxia também.

— Isso você está dizendo. Vou repetir minha pergunta: quanto isso preocupa vocês?

Dessa vez Fey'lya entendeu o sentido. Seus olhos estreitaram-se e o pêlo arrepiou-se mais.

— Quanto de preocupação seria necessário? — indagou ele.

— Nada que não seja razoável. Vamos dizer... um crédito de setenta mil seria satisfatório — afirmou Karrde.

— Setenta *mil*? — repetiu Fey'lya, chocado. — O que você está...

— Esse é meu preço, conselheiro — cortou Karrde. — Aceite ou rejeite. E se a conselheira Organa Solo estiver correta, não temos muito tempo para gastar discutindo.

Fey'lya uivou como um predador.

— Você não é melhor do que qualquer mercenário. Assim você tira o sangue do povo bothan...

— Me poupe do discurso, conselheiro. Basta dizer sim ou não.

— Sim — sibilou Fey'lya.

— Ótimo — anuiu Karrde, voltando-se para Organa Solo: — A linha de crédito que seu irmão estabeleceu para mim continua lá?

— Sim. O general Iblis sabe como proceder.

— Pode depositar lá os setenta mil. E não esqueça que vamos parar para verificar antes de chegarmos a Wayland, no caso *de* ter

alguma idéia em contrário.

— Eu SOM honesto, contrabandista. Costumo cumprir com meus compromissos. Ao contrário de outros aqui presentes.

— Ficou contente em saber, conselheiro — comentou Karrde. — Pessoas honestas são tão difíceis de encontrar hoje em dia. Conselheira Organa Solo?

— Estou pronta — respondeu ela.

Deixaram Coruscant e estavam quase prontos para saltar ao hiperespaço, quando Leia externou a pergunta que a preocupava desde que subira a bordo.

— Vamos mesmo parar para verificar se Fey'lya depositou o dinheiro?

— Numa hora dessas? Está brincando? — protestou Karrde. — Basta Fey'lya imaginar que vamos parar.

Leia observou-o por um instante.

— O dinheiro não é muito importante para você, é?

— Não acredite nisso, conselheira — avisou ele. — Tenho compromissos para saldar. Se Fey'lya tivesse recusado, a Nova República teria de pagar.

— Certo...

— Estou falando sério — argumentou Karrde, percebendo o tom de descrença. — Estou aqui porque isso se encaixa com meus propósitos. Não por sua guerra.

— Eu disse que tinha entendido — concordou Leia, sorrindo interiormente.

As palavras eram diferentes, mas o olhar no rosto de Karrde era o mesmo. *Olhe, não estou aqui por causa da sua revolução, e não estou nisso por você, princesa. Espero ser bem pago. Estou nisso pelo dinheiro.* Han dissera essas palavras depois de escapar da primeira Estrela da Morte. Na época, ela acreditara.

Seu sorriso desvaneceu-se. Ele e Luke haviam salvado sua vida naquela oportunidade. Imaginou se chegaria a tempo de salvar a deles.